



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 79-93.

Queimadas: a metáfora da caça às bruxas empreendida durante a colonização para pensar violência contra mulher nas cidades

Melina Garcia Gorjon¹

Dolores Cristina Gomes Galindo²

RESUMO: Este ensaio narra minha experiência enquanto artista, pesquisadora e feminista na cidade de Assis-SP. Por meio da série fotográfica “Queimadas”, tento evocar noções como a caça às bruxas e a colonização. As queimadas acontecem nos terrenos baldios, por conta do tempo seco ou então quando algum morador quer “limpar” os terrenos de ervas daninhas. Esses mesmos espaços, dos terrenos baldios, são espaços de medo. Ao circular na cidade, nesses mesmos locais, temos relatos de assédios e perseguições, uma região pouco povoada e perto de uma universidade. Por meio das fotografias, convido amigas e faço auto-retratos capazes de anunciar como a prática de caça das bruxas, metaforicamente, pode falar da perseguição e assédio às mulheres nas ruas da cidade. As cinzas ali deixadas remetem à violência sofrida, mas também podem ser um símbolo de resistência e de práticas de sobrevivência à violência.

PALAVRAS-CHAVE: Descolonização, feminismo, arte contemporânea.

Abstract: This text chronicles my experience as an artist, researcher and feminist in the city of Assis-SP through the photographic series "Burned" try to evoke notions such as the witch hunt and the colonization, burning happens in vacant lots, because of dry weather or when some resident wants to "clean up" the land of weeds. These same spaces, vacant lots are spaces of fear, when he circled back, afraid to suffer abuse in those places, we have reports of harassment and persecution, a sparsely populated region and near the University. Through the photos, invite friends and do self portraits able to announce how the practice of hunting of witches, metaphorically can talk about stalking and harassing women in the streets of the city. As well as the ashes there left, refer to violence suffered, but can also be a symbol of resistance and survival practices to violence.

Keywords: Decolonization, feminism, contemporary art.

Resumén: Este ensayo narra mi experiencia como artista, investigadora y feminista en la ciudad de Assis-SP. Por medio de la serie "Queimadas" intento evocar nociones como la caza de brujas y la colonización. Las quemadas ocurren en los terrenos baldíos, por el tiempo seco o cuando algún morador quiere "limpiar" los terrenos de malas hierbas. Esos mismos espacios, de los terrenos baldíos, son espacios de miedo, cuando circulamos tenemos miedo de sufrir abusos, en esos mismos lugares, tenemos relatos de acoso y persecuciones, una región poco poblada y cerca de la universidad. Por medio de las fotografías, invito a amigas y hago auto-retratos capaces de anunciar como la práctica de caza de las brujas, metafóricamente, puede hablar de la persecución y asedio a las mujeres en las calles de la ciudad. Las cenizas allí dejadas remiten la violencia sufrida, pero también pueden ser un símbolo de resistencia y de prácticas de supervivencia a la violencia.

Palabras clave: Descolonización, feminismo, arte contemporânea.

¹ Mestranda em Psicologia e Sociedade e graduada em Psicologia (2016), ambos pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Membro do grupo de pesquisa (CNPQ) “Deleuze/Guattari e Foucault, elos e ressonâncias”. É também artista visual, trabalha com performance e fotografia. Contato: gorjon.melina@gmail.com

² Pós-doutora (2015-2016), doutora (2006) e mestra (2002) em Psicologia Social pela Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora permanente dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista, campus Assis.

Recebido em 10/09/17

Aceito em 29/10/17

Esta escrita é a narrativa da minha experiência enquanto artista, psicóloga e pesquisadora nesses dois campos que se tencionam e aproximam. Atualmente, moro em Assis, interior de São Paulo, uma cidade pequena, de aproximadamente 100 mil habitantes. Sou natural de Brodowski, uma cidade menor ainda, com 30 mil habitantes, mas o que essas duas cidades têm em comum? As fortes estruturas coloniais e coronelistas. Sabemos que a sociedade brasileira tem fortes raízes coloniais, mas parece que, em cidades menores, essas raízes estão mais aparentes. Talvez por serem cidades que possuem o universo de referência reduzido, ou seja, poucas diferenças, poucos modos de vida diferentes. É muito interessante evocar essas memórias, pois vejo com mais força ainda todas as opressões as quais estudo, os diversos privilégios de ser branca, mas também as opressões de gênero, os papéis bem marcados das mulheres, mas também tento evocar as dissidências. Acredito que isso me levou a crer que quanto mais reduzido o universo de referência de uma pessoa, cidade, grupo social e etc., mas propensa ela estará para reproduzir opressões e fascismos.

Nesse sentido, como minha pesquisa dialoga com arte e feminismo descolonial, era inevitável problematizar a minha relação com a cidade de Assis-SP. Sendo assim, convido os(as) leitores(as) a uma imersão no dia em que dei vida ao projeto de artístico “Queimadas”. Estava estudando, em meu quarto, um texto de Silvia Federici (2004), um capítulo sobre colonização e caça às bruxas nas Américas. Nesse momento, por volta das 18h, ouço um barulho estalar forte e logo a fumaça invadiu meu quarto. Normal, mais um dia em que os terrenos baldios pegam fogo na região onde moro, com casas espaçadas e pouco movimento. Na estiagem, ou seja, no tempo seco, qualquer fagulha que seja incendeia o pasto, mas também pode ser algum morador ateando fogo. Corro para janela, apesar dos problemas que trazem as queimadas, ambientais e para a saúde, o que eu poderia fazer? Fascinada e imersa em um momento quase ritualístico, o fogo estalando, as cores, os cheiros, naquele momento mil imagens e metáforas percorriam o meu corpo. Logo fiquei com medo e liguei para os bombeiros, a atitude mais sensata a se fazer dado o risco de que o fogo se espalhasse. Foi nesse breve momento de encontro com o fogo em ação, ali na minha sacada, que comecei a experimentar a frase de StarHawk, citada por Stengers (2017, p.8) “A fumaça das bruxas queimadas ainda paira nas nossas narinas”.

A região onde moro é próxima à faculdade. Nos últimos meses, o número de assédios e perseguições têm aumentado, eu e muitas amigas já fomos vítimas. Nos grupos das redes sociais vemos, cotidianamente, as denúncias das mulheres estudantes. Assim, me pergunto se com as mulheres privilegiadas, no sentido de sermos, em sua maioria brancas e universitárias, temos esses relatos terríveis de assédios, como será para as mulheres periféricas? Nesse sentido, minha reflexão vai em direção ao que esses assédios têm disparado em mim, medo, críticas e utopias, medo, pois



faço parte dessas mulheres universitárias que estão sofrendo com os assédios e perseguições. Sei que estou em uma posição de privilégio em relação às outras mulheres. Utopicamente, pois tento imaginar mundos diferentes a partir da arte enquanto uma forma de resistir a tudo isso. Assim, o projeto fotográfico “Queimadas” vem para questionar meus privilégios de raça e de classe para pensar nessas mulheres que sofrem violências, mas não ganham tanta “empatia” e solidariedade como as mulheres brancas universitárias.

O projeto “Queimadas” faz alusão tanto às queimadas provocadas acidentalmente ou propositalmente nos terrenos da cidade. O fogo, quando ateadado propositalmente por algum morador, tem o intuito de “limpar” o terreno, retirar as ervas daninhas e manter a cidade sem parasitas, mosquitos e etc. Também faz alusão à minha história de infância e adolescência, na cidade de Brodowski, rodeada por plantações de cana-de-açúcar, nas quais as queimadas, quando ainda eram legalizadas, serviam para retirar o resto de cana que as máquinas ou o(a) cortador(a) de cana não conseguia podar. Aquelas raízes mais fortes que ficavam fincadas no solo só o fogo podia arrancar. Assim, nos fins de tarde, depois da época de colheita, ocorria uma chuva de queimada na cidade e as cinzas se espalhavam por todos os cantos. De quando pequena, tenho a memória de tentar pegá-las no ar e ficar toda suja de cinzas. Assim, por meio do projeto “Queimadas”, tenho a intenção de evocar e compartilhar essas memórias com quem também possa ter compartilhado experiências parecidas ou não. Outro signo importante que eu queria trazer é a das bruxas queimadas, da fênix que renasce das cinzas. E, estando em um meio urbano e atual, o principal signo a passar seria a mensagem de re-existência à violência cotidiana contra a mulher. A violência que experimentamos em nossos caminhos cotidianos pela cidade, os medos de andar sozinha, os assédios constantes que se afloram ainda mais em lugares mais esvaziados como esses de terrenos baldios. Outro aspecto importante que eu quis trazer com este projeto fotográfico é o uso da metáfora das cinzas das mulheres queimadas, ou seja, mulheres violentadas, que não ganham a mesma visibilidade e solidariedade quanto às mulheres brancas universitárias. O que fazemos com essas cinzas? Como lidamos com essas violências historicamente invisibilizadas e desqualificadas das mulheres negras, indígenas, mestiças?

O projeto ainda está em andamento e, além de fazer autorretratos, também convido amigas para experimentar esse momento. Não é um ensaio desprezioso, mas sim uma experiência para cada uma delas, momento de sentir o que é possível quando encontramos essas cinzas nos terrenos e depois, com a obra final, nos indagar: o que sentimos quando vemos essas imagens? Quais signos essas imagens estão apresentando?



1. Colonização e caça às bruxas: a violência e opressão às mulheres é naturalizada por Colombo

O fato da maioria dos que foram violentados e mortos por uma suposta associação ao diabo serem mulheres não é mera coincidência. Além disso, nos grupos de resistência à colonização, as mulheres eram a maioria (FEDERICI, 2004, p.416). De acordo com Federici (2004, p.416), as mulheres sempre tiveram status de poder, a maioria das divindades eram mulheres, elas tinham mais liberdade para se auto-organizarem, mesmo que dentro dessas sociedades, como na asteca, na qual perderam poder e status conforme foram passando de sociedades comunais e domésticas para impérios. Elas eram desde agricultoras à curandeiras. Em Oaxaca, no México, elas produziam o *pulque-maguey*, substância sagrada, vinda dos deuses, relacionada à *Mayahuel*, a deusa da terra que era a principal divindade dos povos indígenas de Oaxaca (FEDERICI, 2004, p.417). Essa relação com as divindades da terra tento evocar no projeto.



Figura 1 Sem título, projeto "Queimadas", 2017.

A misoginia vem com a colonização, assim nos narra Federici (2004) sobre como as sociedades nativas das Américas foram se reestruturando, por meio de incursões violentas e disciplinares da supremacia dos homens. Quanto a esse aspecto de disciplinarização, vale a pena relatar o que Diana Taylor (2013) nos conta quando foi estudar ainda criança no Canadá. Quando pequena, Taylor morava em uma vila de mineração no México e foi enviada para Toronto para estudar



em um internato. Lá ela afirmava que seu corpo e mente estavam em treinamento, sofreu com uma máquina disciplinar que repudiava tudo que para eles era considerado “selvagem”, suas roupas, trejeitos, sua língua, sua cultura, seus modos, tão próximos com o que era tido como “não civilizado”. O que Taylor (2013, p.16) fala é que, apesar da máquina disciplinar, o treinamento falhou. Posto isso, tal narrativa mostra o quanto a estrutura colonial ainda nos molda e subjetiva nos dias de hoje, daí sua importância em estudá-la.

Voltando à época da colonização, as mulheres foram retiradas de suas posições de chefias e de suas terras pelos próprios chefes tradicionais, com a vinda dos espanhóis (FEDERICI, 2004, p.417). Nessa nova economia colonial, a qual pagavam tributos à coroa espanhola, as mulheres se tornaram servas e tecelãs. Elas também foram obrigadas a ir às minas quando seus maridos iam trabalhar. Federici (2004, p.417) nos conta sobre a perda da autonomia dessas colonizadas, pois essas mulheres não podiam mais se separar de seus maridos. Cusicanqui (2010) é pontual em suas críticas ao próprio movimento misógino difundido dentro das sociedades indígenas das Américas, ponto esse que é importante ressaltar para um olhar mais crítico a respeito das assimetrias de gênero.

Os colonizadores, ao proibirem a poligamia, fizeram com que muitas mulheres fossem abandonadas ou virassem servas, os filhos e filhas delas eram considerados ilegítimos. Além disso, as mulheres indígenas eram vítimas de estupro, pois, “na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua reclinada que convidava, de forma sedutora, o estrangeiro branco que se aproximava” (FEDERICI, 2004, p.417-418). Os homens entregavam aos colonizadores esposas e parentes enquanto moeda de troca por uma questão política ou econômica. A mulher indígena era a principal inimiga da colonização, o demônio a ser domado e amordaçado. Muitas cometiam suicídio e também matavam seus filhos. Elas recusavam o batismo e qualquer cooperação com a colonização. E muitas se tornaram parte de organizações de resistência nas quais lideravam e eram sacerdotisas, como as sacerdotisas das *huacas*, dos *Taki Onqoy* (FEDERICI, 2004, p.418). Dentre suas ações, as mulheres peruanas treinavam as pessoas para quando a Igreja Católica e colonos os interrogassem, afim de saber o que devia ou não ser dito. Ao passo que as mulheres, em certa medida, perderam muito nesse processo de colonização, nos momentos de resistência elas passaram a ocupar uma posição nunca antes ocupada, a de sacerdotisas dos *huacas*, posição anteriormente ocupada só por homens (FEDERICI, 2004, p.418).

Federici (2004, p.418) conta que, para escapar da “caça às bruxas”, elas se escondiam nas *punas*, montanhas, lugares nos quais poderiam praticar seus cultos. Lá elas resistiam e rejeitavam a



imposição colonial. A noção de demônio e bruxaria não era conhecida pelos povos indígenas. Mesmo que elas confessassem os crimes pelos quais eram acusadas, tratava-se de uma confissão feita sob tortura e elas também eram obrigadas a revelar nomes de outras pessoas envolvidas (FEDERICI, 2004, p.419). Outro objetivo da caça era o isolamento e marginalização das “bruxas” andinas. Contudo, esse objetivo não teve sucesso, elas acabavam por serem consultadas por aldeões e possuíam um status de poder cada vez maior conforme a população se revoltava contra o poder colonial (FEDERICI, 2004, p.420). Apesar de clandestino, o culto aos *huacas* permaneceu forte e se até hoje temos conhecimento dele é por conta dessas mulheres que resistiram (FEDERICI, 2004, p.420).

No centro e sul do México, principalmente em Oaxaca, as mulheres eram figuras presentes nas rebeliões do séc. XVIII e muitas lideravam os ataques (FEDERICI, 2004, p.420). Em Chiapas elas eram as que preservaram a religião e lutavam contra o colonialismo. Uma sacerdotisa foi a responsável pela liderança da resistência em Chiapas. Por todos esses motivos, vemos que é no mínimo contraditório que o Calibã³ seja o símbolo dos revolucionários nas Américas e não sua mãe, a bruxa Sycórax. Calibã se rebelava pelas próprias ferramentas que seu senhor, o qual o dominava, oferecia (FEDERICI, 2004, p.421). Já Sycórax era poderosa e temida.

A caça às bruxas aumentava de acordo com a necessidade de afirmar o poder colonial. Assim que as estruturas coloniais se estabilizaram econômica e politicamente a perseguição acabou (FEDERICI, 2004, p.427). Por isso, no séc. XVIII, a Igreja deixava que se cultuassem as crenças dos povos indígenas, pois esses já não ofereciam perigo ao poder colonial. Ao invés da demonização, aos poucos veio o paternalismo, que considerava os povos indígenas como ignorantes por adorarem seus deuses (FEDERICI, 2004, p.427). Assim, a perseguição aos adoradores do diabo se desloca para outro lugar, no Brasil, Caribe e América do Norte, locais onde os escravizados africanos trabalhavam nas plantações; a perseguição estava se convertendo às práticas de religiões africanas como o *obeah*, nos EUA, ritual que, antes de tudo, representava um risco de rebelião (FEDERICI, 2004, p.428). E mesmo com abolição da escravatura, a perseguição às bruxas continuou, pois essa perseguição foi enraizada de tal forma nas sociedades colonizadas que elas próprias passaram a perseguir as bruxas (FEDERICI, 2004, p.429). A caça às bruxas ocorreu na Índia, principalmente com as mulheres que não viviam no

³ Calibã foi retirado da peça de Shakespeare, *A tempestade*. Nela um duque de Milão, chamado Próspero, que possui uma grande biblioteca sobre magia, é roubado por Antônio e o ducado. Assim, Próspero e sua filha Miranda, são jogados ao mar e chegam em uma ilha tropical. Nessa ilha vive apenas uma bruxa, a poderosa Sycorax, que vai ser vencida pela magia de Próspero (que ele acumulará em sua extensa biblioteca) e assim seu filho, o monstro Calibã, se tornará seu escravo. A história pode ser relacionada diretamente com a colonização e a demonização dos povos indígenas e nativas das terras apropriadas.



sistema de castas das planícies e sim nos bosques, onde tinham maior poder e cultuavam deusas. Na África, a perseguição às bruxas tem a ver diretamente com o declínio da posição social das mulheres, e até hoje temos essa prática de caça às bruxas, principalmente pela agenda neoliberal instaurada (FEDERICI, 2004, p.429). O que se percebe é que conforme se agrava a situação econômica, o empobrecimento da população e tensões políticas, a perseguição às mulheres se intensifica, como no Quênia, Nigéria e Camarões, entre 1980 e 1990, período no qual tivemos uma caça às bruxas. Lembrando que nessa época tivemos um empobrecimento significativo da população causado pelo FMI, Banco Mundial e suas políticas (FEDERICI, 2004, p.429). Existem casos, no Brasil e restante da América de Sul, de assassinados feitos pela própria comunidade acusando idosas de bruxaria.

O fato é que a Europa e os historiadores parecem não se preocupar mais com tais casos, como se atualmente tais práticas não existissem, como se isso pertencesse a outro mundo, outras pessoas, bem diferentes do que somos hoje (FEDERICI, 2004, p.430). Mas se percebermos, a caça às bruxas sempre coincide com um processo de “acumulação primitiva”, ou seja, privatização da terra e recursos naturais e o empobrecimento da população, o medo e o terror crescente, e vemos isso acontecer ao longo das décadas, como nos anos 80 e 90 (FEDERICI, 2004, p.430). A caça às bruxas é nada mais nada menos que uma caça à resistência da expropriação da terra, da cultura e da vida.

2. Descolonização e feminismo

Os feminismos que estão disponíveis parecem não dar conta de falar da questão da colonização, de falar dos aspectos de nossa sociedade colonizada da América Latina. Foi desse modo que entrei em contato com os movimentos de mulheres que se denominam como feministas descoloniais, como as ativistas/teóricas Cusiquanci e Ochy Curiel. Esse interesse veio a partir do olhar que confere importância ao que acontece na América Latina, sendo resultado de um longo processo de colonização que não se findou via libertação econômica e política das metrópoles coloniais. A América foi e é um produto da modernidade empreendida pela Europa (CURIEL, 2011). Quijano (2000) conceitualiza colonialidade de saber e poder, logo depois María Lugones (2008), a partir de um lugar feminista, critica Quijano por não ter considerado as questões de gênero binárias e heterossexuais, as quais estruturaram o sistema moderno/colonial (CURIEL, 2011, p.5)

Curiel (2011), por sua vez, acredita que todos esses processos foram extremamente importantes para o que conhecemos hoje como estudos culturais, pós-coloniais, decoloniais/descoloniais e subalternos. São movimentos que surgem em países do dito "terceiro



mundo", seja nas lutas contra a dominação europeia e a colonização, seja nas lutas contra as ditaduras apoiadas pelo norte global (CURIEL, 2011, p.5).

O maior legado desses movimentos, que temos hoje, é o questionamento ao sujeito global e único, do binarismo criado entre tradição e modernidade, civilização e selvagerismo, desenvolvido e subdesenvolvido, metrópoles e periferia, globalização e localismos, dominação e dependência (CURIEL, 2011). Questionando todas essas oposições, começamos a tentar destituir-nos dos discursos de representações coloniais de gênero, raça e sexualidade, somados com a ideia de classe e espaço (CURIEL, 2011, p.6).

Curiel (2011) considera de extrema importância fazer uma genealogia de cada categoria, gênero, raça e sexualidade, para então descolonizá-las. A categoria gênero é a primeira que ela aborda (CURIEL, 2011, p.6). Para o feminismo, gênero sempre foi central, principalmente para desnaturalizar a mulher e colocar a categoria de mulher como uma questão social e histórica (CURIEL, 2011, p.6). Antes, a categoria de gênero era muito trabalhada na antropologia, como em trabalhos de Margaret Mead, em seu texto *Sex and temperament in three primitive societies*, na qual analisa como o parentesco e a divisão sexual de trabalho determinavam os papéis de gênero, mostrando que as diferenças eram sociais e não inatas (CURIEL, 2011 p.6).

Em seguida, Simone de Beauvoir, com o *Segundo sexo*, fez uma análise de como a mulher foi considerada o outro, o "outro absoluto" que a leva à opressão (CURIEL, 2011 p.7). Tais obras serviram para que as feministas apoiassem suas críticas posteriormente. A primeira vez que foi utilizada a categoria gênero para um feminismo foi em Ann Oakley (1972). A autora defendia que sexo era a divisão biológica entre homem e mulher e o gênero seria o paralelo de sexo que resulta na divisão desigual de feminilidade e masculinidade (CURIEL, 2011, p.7)

Curiel (2011) passa para 1975, quando Gayle Rubin vai falar de gênero por meio de seu conceito de sistema sexo-gênero, no qual o sexo é modelado por uma série de intervenções sociais e, sendo assim, toda a opressão que as mulheres sofrem advém das relações que estruturam a sexualidade e o gênero; assim, a opressão das mulheres tem origem no social e não no biológico.

Nos anos 70 ocorre o fortalecimento do feminismo e surgiram diversas correntes. Joan Scott foi uma das feministas que, posteriormente, continuou trabalhando com o conceito de gênero. Ela ampliou o conceito ao considerá-lo uma das formas primeiras que estruturam as relações sociais e o poder. As relações de poder se dão em símbolos culturais, representações, conceitos normativos,



práticas religiosas, científicas, educativas, políticas e também subjetivam a todos e todas nós (CURIEL, 2011, p.8). Para Curiel (2011), a maior contribuição da teoria/prática feminista para as ciências sociais é produzir o entendimento de que a mulher está além de qualquer determinismo biológico e que a categoria mulher é construída socialmente pelas estruturas de poder (CURIEL, 2011, p.8) Contudo, essa visão não é unânime no feminismo. Os feminismos materialistas entendem que tanto homens e mulheres são definidos por uma relação social de classe, pela produção e pela divisão social do trabalho (CURIEL, 2011). Essas ideias podem ser visitadas nos textos de Nicole Claude Mathieu, feminista materialista pioneira nessas discussões. É em Butler (2001), uma feminista pós-estruturalista, que encontramos as maiores contribuições para a noção de gênero. Ela cria e defende a teoria da performatividade de gênero (CURIEL, 2011). Gênero é uma atuação, um fazer que marca a heteronormatividade e a diferença sexual, não seria uma expressão do um eu interior ou a interpretação do sexo.

Após essa breve retrospectiva, chegamos ao ponto de partida de Curiel (2011), que se coloca no lugar das afros-feministas. Curiel (2011) afirma que o conceito de gênero até hoje foi tratado a partir de uma ideia de mulher global, como se as mulheres fossem uma categoria homogênea. Alega que é fundamental trazer uma discussão que leve em conta os contextos de cada mulher, como a questão racial e colonial. O feminismo descolonial defendido por Ochy Curiel (2011) quer desuniversalizar a ideia de mulher ao traçar as relações de poder presentes nas categorias de raça e sexualidade, mostrando assim que "la mujer no existe, que es un mito también eurocentrado" (CURIEL, 2011, p.10).

O ponto de partida para um pensamento descolonial é compreender como foi construída a geopolítica do colonialismo que coloca a Europa como vanguarda do desenvolvimento e da modernidade (CURIEL, 2014). Foi a partir da Europa que se determinou a existência dos "outros", intervindo e modificando os "bárbaros", "selvagens" e não "civilizados" (CURIEL, 2014). Mas o que seria o feminismo descolonial? Para Ochy Curiel (2014), ele faz uma crítica ao feminismo hegemônico e às teorias sociais que atuam em categorias universais e hierárquicas, como aquelas que trabalham com elemento "classe" como sendo suficiente para transformações paradigmáticas. Essa é uma crítica pontual do feminismo descolonial, colocar a pauta da luta das mulheres, principalmente as mulheres mestiças, negras e indígenas, no mesmo lugar de importância da pauta de classe para uma mudança paradigmática que contemple todas as estruturas de opressão. De acordo com Curiel (2014), nos movimentos sociais atuais, as pautas do feminismo descolonial, muitas vezes, são



assuntos que vêm depois das questões de classe, como se tais movimentos incluíssem o feminismo apenas para aparentar ser “politicamente correto”.

Inclusão não é a palavras de ordem, Curiel (2014) acredita que o ato de "incluir" as mulheres é um ato neoliberal, o qual inclui a diversidade mas não modifica e questiona os paradigmas de opressão. Dentro dessa lógica de Curiel (2014), o feminismo descolonial não mostra que existem mulheres negras e pobres ou luta por inclusão delas em outros espaços. O feminismo descolonial busca entender por quais motivos a grande maioria das mulheres negras tem uma certa determinação social e permanece à margem, na pobreza. Para conseguir acabar com tais opressões, precisamos revisar as teorias sociais, principalmente as vindas do norte global.

Curiel (2014) diferencia os referenciais interseccionais do feminismo descolonial, posto que, no primeiro, a pauta se baseia em somar identidades para explicar a subordinação das mulheres, ou seja, incluindo-as nos movimentos e espaços nos quais elas não estão habitando. Contudo, é mais válido, para o feminismo descolonial, entender as opressões do que apenas inclui-las em outros espaços de discussão (CURIEL, 2014). Ou seja, a autora diz ser necessário ver como a opressão às mulheres, negras, indígenas e mestiças se articulam, reproduzem ou não, para mapear quais são os espaços de privilégios para umas(uns).

A partir desses aportes teóricos, comecei a produzir uma ficção, uma narrativa visual da minha relação com o local onde vivo e essas questões do feminismo descolonial. Foi assim que nasceu a série “Queimadas”. Acredito que uma forma de descolonizar o olhar também é fundamental para um feminismo descolonial, e tentei buscar essa descolonização do olhar ao produzir essa série, seja no meu próprio olhar sobre esses espaços de violência na cidade, seja no olhar de quem passasse no momento que estivesse realizando as fotos, seja no olhar que quem vai ver minhas fotos já prontas. As críticas feitas às dicotomias que foram fincadas com a colonização, como a natureza e a cultura e a ideia de que o conceito de mulher é algo colonizador, são de extrema importância para pensarmos em estratégias de luta contra as violência as quais sofremos, principalmente por começar a questionar os espaços nos quais estamos inseridas, as nossas relações cotidianas e os modos como circulamos pela cidade. E, principalmente, ao privilégio de umas mulheres em detrimento de outras. Nós, mulheres brancas, muitas vezes ignoramos as cinzas (sofrimento e violência) das mulheres negras e indígenas. Produzir essa ficção por meio das fotos significa recontar uma história por outro olhar, uma história que é passado e presente ao mesmo tempo, que possui nuances entre a violência e as formas de resistir a ela.



3. A cidade: lugares de caça às bruxas e lugares de resistência

A prática de provocar queimadas em terrenos baldios é um crime ambiental. A pessoa causadora pode receber uma multa, a depender do município. Contudo, essa prática é muito comum no interior de São Paulo, onde moradores aproveitam o período de estiagem para limpar terrenos e eliminar o lixo acumulado no fundo de casa, nas calçadas e até mesmo em praças. Um dos grandes riscos, aos quais alertam os bombeiros, é falsa ideia de que sabemos controlar o fogo. O fogo é muito imprevisível, volátil e isso pode gerar graves acidentes, como o fogo tomar proporções de consumir as casas, fios de energia e etc. Outro problema são os problemas respiratórios, afinal inalar tal fumaça pode gerar consequências ruins para a saúde. Munida de tais informações comecei a imaginar narrativas e metáforas. Observando o movimento dos moradores, percebia que eles entendiam como “lixo” as folhas secas, ervas daninhas, aquilo é sujo, impuro, ruim, feio. Essas folhas secas, na verdade, podem virar adubo fértil para hortas, árvores e flores, um movimento importante para a sobrevivência de plantas na cidade. Acredito que a ideia do fogo como algo que limpa e purifica vem desse imaginário comum da caça às bruxas, por isso essas práticas resistem, pois circulam no imaginário das pessoas como algo capaz de retirar todos os danos, da purificação do mal. O ato também pode ser um momento de expurgação de suas próprias angústias, pois é comum usar a metáfora do “queimar algo” no sentido de libertação. A minha primeira alusão é à mulher e essa natureza que invade a cidade, essas plantas que não são bem-vindas, que nascem e crescem na margem, resistindo dia-a-dia com a violência do fogo-homem.

Sendo assim, podemos questionar as bases estruturais que fundam nossa sociedade, lembrando que, por meio da colonização e da caça às bruxas, fundamos e naturalizamos as opressões de gênero. Acredito que utilizar a arte, como faço em minhas fotografias, faz com que esse questionamento se espalhe e seja acessível, por acessar uma dimensão sensível nas pessoas. Todos os signos que apresento nas fotos têm grande importância e rigor teórico, dialogando diretamente com as autoras aqui apresentadas.

Ao utilizar os terrenos baldios quero trazer uma dimensão territorial e temporal outra, convocar esse processo de caça às bruxas e colonização, na cidade e na vida contemporânea. O principal questionamento das imagens seria: ainda somos queimadas? Queimadas no sentido metafórico do termo, oprimidas, violentadas. A caça às bruxas e o processo de “purificação” por meio do fogo não seria uma alusão também à culpabilização das vítimas de violência? Ou ainda: a violência e o assédio não seriam formas de “punição” pela conduta e modo de existir dessas mulheres? Acredito



que a caça às bruxas ainda continua. O que acontece é que é preciso um olhar atento para percebê-las, posto que são práticas enraizadas e naturalizadas que datam de séculos e séculos de opressão. Podemos até acreditar que a caça às bruxas deixou de existir e esse é o perigo do processo de naturalização de opressões. Somos ingênuas por achar que essas práticas são algo “natural”.

Outro signo importante que tento trazer nas imagens é das cinzas. Sempre pensei que não basta a crítica, não basta o lamento, não basta escancarar tais violências. Precisamos criar alternativas, práticas de resistência, modos de lutar contra.

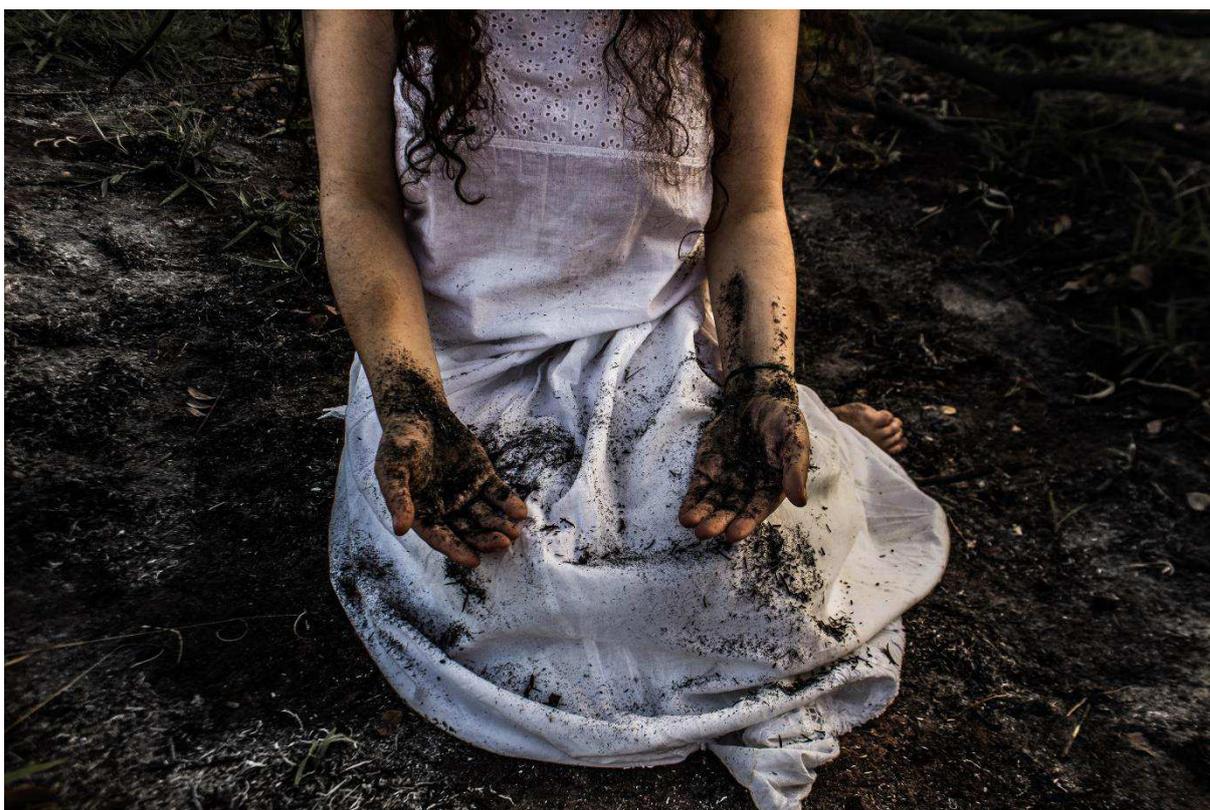


Figura 2 Sem título, Série Queimadas, Assis-SP, 2017

Acredito que as cinzas representem isso. Na Figura 2 podemos ver uma mulher ajoelhada, como se fizesse uma prece. Com as mãos em forma de concha, carrega as cinzas de suas antepassadas e suas próprias, seus lamentos e suas dores, transformadas em cinzas, agora adubam um solo fértil. Transformam-se em outra força, capaz de fazer brotar novos modos de existir e resistir. Trazer esse signo do renascimento por meio das cinzas é de extrema importância para pensar em uma crítica pontual e que saia do lugar comum de apenas evidenciar as opressões. Inspirei-me em práticas



urbanas que vejo em meio a grupos de carona entre mulheres, fortalecimento da solidariedade, compra e vendas de produtos feitos por mulheres, desenvolvimento de aplicativos que ajudam as mulheres a circular com maior segurança dentro da cidade. Vejo também a prática de enfrentamento, mulheres que não se calam ao ver outra mulher sendo assediada nas ruas. Acredito que essas práticas são as que mais me inspiraram para trazer o signo das cinzas como adubo para re-existência.



Figura 3, Série Queimadas, Sem título, duas versões de edição.

Por fim, acredito que outros signos importantes nas imagens são compostos pelas cores, a cor branca e as cores quentes. Na figura 3, trago uma comparação de como a edição pode alterar completamente o signo de uma foto. A princípio, fiz minhas primeiras fotos com um vestido preto, como vemos na Figura 1, mas depois de intensas pesquisas sobre rituais e a importância das cores, percebi que o branco é uma cor que remete as práticas demonizadas e marginalizadas ainda hoje, como o Candomblé e a *Santería* (candomblé cubano e caribenho). Além disso, a escolha do branco tem o papel de oferecer um contraste importante entre as cinzas, o ambiente e a mulher em cena. Como vemos nas Figuras 2 e 3, temos um contraste maior, o que confere mais dramaticidade para a foto, principalmente pelo jogo branco e preto, do que na Figura 1, na qual temos um vestido preto, na qual o contraste e a dramaticidade não são tão fortes quanto nas outras.

A tonalidade do ambiente também foi pensada, as cores do ambiente são mais frias, enquanto a tonalidade da pele é quente. Novamente, esse contraste entre cores frias e quentes foi proposital. Inicialmente, nas primeiras edições, queria remeter às cores frias, mas reparei que isso conferiu um tom melancólico, sem vida. Quando alterei a cor da pele, é como se essa mulher estivesse ali viva, pulsante, diferente daquele ambiente recentemente queimado. A mulher estaria ali como uma agente transformadora, como agente da resistência.



4. Conclusões possíveis

Por fim, queria trazer neste texto minha experiência como artista e pesquisadora, fazer um relato de como tento unir o que estudo com as minhas práticas cotidianas, colocando meu próprio corpo na pesquisa. Faço do texto uma pele na qual todos os dias escrevo e reescrevo histórias, como as da colonização e da caça às bruxas. Acredito que minha expressão estética é resultado das minhas interlocutoras atuais, do feminismo descolonial, assim tento trazer para uma dimensão ritualística aquilo que está preso no corpo de um texto. O projeto “Queimadas” segue em curso e pode começar a ganhar novos contornos a partir de sua expansão para territórios outros, a partir de ganhar maior visibilidade em outros lugares, afinal esse projeto é uma expansão, um povoamento e uma reverberação de muitas forças e vidas.

Referências

- CURIEL, O. *Género, raza y sexualidad*. Debates contemporáneos. Conferencia magistral en el marco de la Especialización Maestría de Estudios de la Mujer. Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco, México, 2011. Disponible en <http://www.urosario.edu.co/Subsitio/Catedra-deEstudios-Afrocolombianos/Documentos/13-Ochy-Curiel—Genero-raza-y-sexualidad-Debates-.pdf>
- CURIEL, O. *Yo ya no creo en una solidaridad feminista transnacional así por así*. Bilbao:2014. Pikara Magazine Esta entrevista concedida à Itziar Pequeño para apresentação do livro de Ochy Curiel, ‘La nación heterosexual. Análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Disponible em: <http://www.pikaramagazine.com/2014/10/yo-ya-no-creo-en-una-solidaridad-feminista-transnacional-asi-por-asi/#sthash.tdTaJg8D.dpuf>. Acesso em 28 de março de 2017.
- CUSICANQUI, S. R. *Oprimidos pero no vencidos: luchas del campesinado aymara y qhechwa de Bolivia, 1900- 1980*. UNRISD, Ginebra. 1986.
- _____, S.R. *Ch’ixinakax utxiwa: reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Ediciones Tinta Limón, Buenos Aires. Tapia, L. sociologia. 2010
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2004.
- LUGONES, M. *Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial*. En: MIGONOLO, W. *Género y Descolonialidad*. Buenos Aires: Del signo, 2008.
- SEGATO, R. *Los cauces profundos de la raza latinoamericana: Una relectura del mestizaje*. *Crítica y Emancipación*, 3, 11-44. 2010.
- _____. *Género e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. *e-cadernos ces* [Online], 18 | 2012. Disponível em: URL : <http://eces.revues.org/1533>. Acesso em 20 de setembro de 2016.
- STENGERS, I. *Reativar o animismo*. Trad. Jamily Pinheiro. Chão de Feira: Belo Horizonte, 2017.



QUIJANO, A. *Colonialidad del poder y Clasificación Social*. Journal of World System Research XI, 2000.

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2013.

